

Os processos tecnológicos, o racionalismo e o subjetivismo: uma luz sobre os saberes do jornalista ¹

Ana Maria Oliveira ROSA²

Resumo

O artigo apresenta um olhar sobre o desenvolvimento tecnológico e seus impactos nas abordagens teóricas a respeito do Jornalismo. A argumentação enfoca a questão da construção jornalística como produto da subjetividade dos profissionais, indicando este caminho como afastamento da competição com as máquinas objetivas, que aparecem com a ampliação da capacidade técnica de suprir parte do trabalho executado pelos jornalistas. Conclui que a formação nas faculdades também deve considerar este enfoque na construção dos currículos.

Palavras-chave: teorias do jornalismo; subjetividade; objetividade; convergência; inteligência artificial.

Introdução

A história do jornalismo mostra que o avanço dos processos tecnológicos aplicados à comunicação impactam diretamente no fazer jornalístico, alterando sociologicamente tanto o ambiente que acolhe as notícias quanto os espaços de produção. Dentro desta percepção, ao estudarmos as Teorias do Jornalismo, encontramos implicações de mudanças de patamar tecnológico como uma das nuances que alavancam também um novo modelo teórico. Por extensão deste pensamento, entendemos que há indícios de que os modelos atuais e vindouros, teóricos e práticos, encontram na subjetividade um de seus pilares, de forma inversa ao que já foi a objetividade para a profissão.

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora na Faculdade São Francisco de Assis (Unifin), e-mail anamariaoliveirarosa@gmail.com.

Neste artigo queremos percorrer o caminho histórico das Teorias do Jornalismo, investigando os desenvolvimentos técnicos que mais as incentivaram, e propor reflexões a respeito dos tempos atuais da profissão. Em um levante inicial, espera-se instigar também professores e profissionais a identificarem a necessidade de desenvolvimento do ser subjetivo no fazer jornalístico.

O desenvolvimento técnico e as Teorias do Jornalismo

Há mudanças de tecnologia de tempos em tempos, na vida humana cotidiana. No jornalismo, tais mudanças aparecem com grande visibilidade, sendo as propulsoras, em diferentes momentos, da própria concretização da profissão.

Jornalistas de meia idade, nascidos a partir da década de 80, já não sabem mais o que significa, na prática, editar um jornal sem utilizar o computador. Mas não é somente sobre a digitalização que nos debruçamos para pensar a evolução técnica e as alterações que se impuseram ao jornalismo a partir delas - é preciso olhar para os mais diversos processos evolutivos que levaram a comunicação ao que experimentamos hoje.

A valorização das informações apuradas e apresentadas pelos jornalistas está ancorada justamente na evolução da capacidade técnica desenvolvida para aumentar, de forma contínua, a circulação das notícias - circulação essa que foi impulsionada por um aumento cada vez maior da capacidade de impressão e culminou no uso dos computadores em rede, onde a distribuição pode ser considerada ilimitada.

Conforme Traquina,

Houve grandes avanços tecnológicos que tornaram possível conseguir um produto de massas, em particular o domínio da técnica tipográfica. Na época de Gutenberg, em meados do século XV, a tecnologia permitia a impressão de 50 páginas/hora. Com a invenção de Koenig em 1814 (os prelos com cilindros), era possível a impressão de 1100 páginas/hora, e com as rotativas de Marinoni, em 1871, tornou-se possível imprimir 95.000 páginas/hora. (TRAQUINA, 2005, p. 38).

Nessa evolução das técnicas tipográficas está ancorada a criação da própria figura do jornalista: se antes pequenas publicações circulavam propagando artigos de opinião, a

formação das grandes cidades e da imprensa de massa impulsionou a existência de um profissional dedicado a buscar notícias e redigi-las.

É interessante pensar que, ao mesmo tempo em que é a circulação que valoriza a profissão como fonte de material que mereça ser amplamente divulgado, também é essa mesma rede de exposição que apaga outros assuntos, silencia populações inteiras - ao permitir o uso dessa “lente de aumento” sobre alguns fatos, simplesmente encerra a possibilidade de valorização de outros.

Aqui nos aproximamos da construção das teorias de apagamento e iluminação - nas quais podemos citar o GateKeeper, a própria Teoria Organizacional ou mesmo as chamadas Teorias Políticas. Cada um desses modelos de pensamento procurou explicar porque algumas notícias ganhavam espaço e destaque em detrimento de outras, e foram essas análises que permitiram grande parte da crítica a respeito das práticas da imprensa.

Crítica essa que já foi de jornalistas para jornalistas, mas que agora está apropriada pela população e, mesmo que muitas vezes aponte indagações pertinentes, inserida no contexto político de rivalidade acaba incentivando a desvalorização do nosso próprio fazer.

Em outro momento, a disseminação da técnica da fotografia acoplou-se à existência da imprensa, gerando nesta mistura o campo perfeito para a propagação da Teoria do Espelho, com o jornalismo e a fotografia se fundindo no exercício de espelhar objetivamente a realidade. E mesmo com todo o ambiente crítico em que se encontra atualmente para a profissão, estudantes iniciantes do curso de Jornalismo ainda adentram a faculdade com pensamento concreto de que a entrega de um bom profissional da área está calcada neste fator diferencial - a objetividade.

Na prática, todas as técnicas envolvidas nos processos produtivos do jornalismo foram, pouco a pouco, delimitando o que é de fato ser jornalista. Antes da década de 80 era necessário aprender artes gráficas manuais para montagem dos jornais, sendo que o espaço de publicação era, como exemplificamos, um dos quesitos mais marcantes da seleção de notícias. Naquele momento, as pessoas que se envolviam nesse processo também eram consideradas jornalistas.

Olhando ainda para a construção histórica dos processos, a produção em televisão e rádio é feita por profissionais da área, mas antes de restringir-se ao trabalho de cunho mais intelectual também envolvia uma série de conhecimentos - de base técnica, de reconhecimento e operação dos aparelhos sonoros e de imagem, sobre suas funções - como passar de um formato a outro uma gravação, realizar cortes, fazer montagens. As mudanças também vieram com o avanço técnico para estes campos, onde o aprendizado destas práticas já foi crucial para um bom desempenho no mercado de trabalho.

Corroborando com a importância da diagramação e montagem, a limitação de espaço para divulgação dos fatos é o motivo mais indicado por Mr. Gates na pesquisa que origina a Teoria do GateKeeper. Esta limitação não é apenas um indicativo das possibilidades da tecnologia da época, é também um indicativo do desenvolvimento posterior - uma vez que o jornalista não precisa selecionar por falta de espaço o que se publica atualmente, embora siga o fazendo para entregar conforme os parâmetros de mercado (tempo de leitura, classificação dos principais interesses dos leitores, entre outros).

De todo modo, a liberação do espaço físico é, sim, um dos grandes fatores para que pautas de todos os tipos ganhem visibilidade, conforme avançamos também na nossa capacidade de aproveitar estes espaços.

É sempre difícil compreender qual é a relação originária - se a ampliação do potencial do jornalismo cria caminhos para a sociedade construir mais representatividade em suas pautas ou se a necessidade social de “ver-se” pressiona o jornalismo por esta abertura. E embora os espaços estejam disponíveis, há dificuldades e barreiras culturais a serem transpostas para que nossos jornalistas formados tomem conta desse campo aberto.

Pontua-se ainda a necessidade de construção de redes para que as informações realmente circulem e não simplesmente existam: embora o consumo de mídia esteja muito ampliado e aberto, com a possibilidade de o indivíduo encontrar seu caminho em meio às informações, a capacidade de realmente usufruir desta liberdade ainda é tímida, com a manutenção de concentração de audiência nos veículos de massa – e, quando desviado este caminho, atracando muitas vezes no consumo de informações sem qualquer conexão com a realidade ou apuração jornalística, como é o caso das notícias falsas.

A congregação da tecnologia em aparelhos simples, como os smartphones, acabou por encerrar a necessidade tão clara de pensar os formatos técnicos e capacitar o jornalista para tal – considerando-se que mesmo crianças hoje já sabem produzir, editar e postar vídeos, por exemplo.

É nesta direção que, desde o início da migração digital, falamos em convergência. Com impactos generalizados em todos os campos do jornalismo, podemos dizer que a aproximação com o público foi um dos mais estudados.

Se os antigos consumidores eram tidos como passivos, os novos consumidores são ativos. Se os antigos consumidores eram previsíveis e ficavam onde mandavam que ficassem, os novos consumidores são migratórios, demonstrando uma declinante lealdade a redes ou os meios de comunicação. Se os antigos consumidores eram indivíduos isolados, os novos consumidores são mais conectados socialmente. Se o trabalho de consumidores de mídia já foi silencioso e invisível, os novos consumidores são agora barulhentos e públicos. (JENKINS, 2009, p. 47).

São estes fatores, da facilitação da técnica, aproximação com o público e liberdade de espaço físico (seja para textos como para conteúdos em outros formatos), que indicam uma forte ruptura com a objetividade, uma vez que as relações com os sujeitos aproximam o jornalista não somente de fontes mas especialmente do seu próprio lugar de fala.

O que, de fato, diferencia a produção feita por um jornalista hoje, se não é a técnica que dá esse sentido?

Objetividade e Subjetividade: diferentes momentos do Jornalismo

Muitas funções foram desaparecendo conforme os processos técnicos foram simplificados - permitindo que as máquinas absorvessem saberes, dispensando certos conhecimentos antes somente humanos.

A reflexão a este respeito nos impõe um outro olhar: quais são as funções do jornalista onde a evolução tecnológica não permitirá substituição?

E aqui temos um novo espaço para a subjetividade: se antes os processos técnicos eram execuções humanas, agora são apenas os processos intelectuais que têm esse recorte. É dizer que o que as máquinas ainda não conseguem interpretar é justamente a subjetividade

do humano, que agora passa a ser valorizada como um fator diferencial, a propriedade real do jornalista, o que contrapõe uma construção de pura técnica aplicada.

O processo de subjetivação na profissão está por todos os lados - como o caso dos jornalistas com voz menos atraente do que se espera para os radialistas. Há profissionais de excelência atuando, sem necessidade deste tom específico que antes era um delimitador para quem poderia ou não atuar no rádio. O que esses jornalistas oferecem, então, se não é sua qualidade técnica que se sobrepõe? Há formas de contar histórias características de cada um - e são essas nuances que os fazem ser reconhecidos com propriedade para atuar onde estão.

Se o desenvolvimento da inteligência artificial permitir a criação de textos compostos por análises especialmente objetivas, teremos a substituição do jornalismo objetivo por estes componentes eletrônicos? Talvez. E aí entra novamente a questão de que, embora a objetividade tenha sempre sido um ideal dentro do jornalismo, agora ela pode ser a vilã no processo de mecanização das profissões.

Acreditamos, ainda assim, que as nuances do ser humano, como as observações do repórter, tem um valor inestimável e trazem - quem diria isso em outros tempos? - a subjetividade que a notícia precisa para ser real. Dentro dos processos de construção da notícia, cabe ressaltar que a participação deste fator subjetivo está não somente no construtor da notícia, mas passa também pela participação muito ativa das comunidades com as quais ele atua – seus entrevistados, sua audiência, seus pares.

Respondemos ao questionamento que deixamos em aberto antes - o que diferencia a produção feita por um jornalista se acreditamos que os fatores técnicos e objetivos estão em superação - propondo que a diferença está na subjetividade do profissional.

Dentro do campo da psicologia, o conceito de subjetividade é trabalhado como um dos espaços de construção do indivíduo. Conforme comenta Silva,

Geralmente, subjetividade é entendida como aquilo que diz respeito ao indivíduo, ao psiquismo ou a sua formação, ou seja, algo que é interno, numa relação dialética com a objetividade, que se refere ao que é externo. É compreendida como processo e resultado, algo que é amplo e que constitui a singularidade de cada pessoa. (SILVA, 2009, on-line).

O jornalismo, enquanto ciência social, encontra-se no campo do exterior do indivíduo, enquanto a subjetividade é um valor interior. Mesmo assim, Silva pontua ainda:

O fato de a subjetividade referir-se àquilo que é único e singular do sujeito não significa que sua gênese esteja no interior do indivíduo. A gênese dessa parcialidade está justamente nas relações sociais do indivíduo, quando ele se apropria (ou subjetiva) de tais relações de forma única (da mesma maneira ocorre o processo de objetivação). (SILVA, 2009, on-line).

E talvez seja aí, nessa parcialidade de cada profissional que ocupa o espaço do jornalismo, que se constroem os novos sentidos da nossa ciência. Enquanto há repetições enfadonhas do mesmo assunto em todos os jornais, determinados enfoques despercebidos são captados por esses profissionais sensíveis, únicos - e transformados em produtos complexos, que não estarão sujeitos a submissão técnica.

Inteligência Artificial e Jornalismo

Como comentamos, é importante que a subjetividade do sujeito nos permita conhecer o estilo próprio de cada jornalista, trazendo o humano para uma relação em que sempre foi esperado apenas o aspecto informacional, que racionaliza a linguagem de forma a minimizar as nuances que a mesma carrega.

A diferença do tempo atual para momentos anteriores indica que pensemos sobre este fator humanizador, sem de qualquer forma anular o fato de que tenha crescido com o jornalismo a objetividade. Existem funcionalidades necessárias mesmo agora, pois é preciso que a linguagem seja reconhecida por emissor e receptor, de fato – e por isso mesmo que tenha certo grau de técnica aplicada em desfazer subjetivações particulares que tornariam incompreensível a comunicação pretendida.

Embora os processos racionalizantes tenham sido fortemente abordados por toda a história da profissão e se façam necessários, estamos agora falando de processos maquímicos - trazidos de fora do humano - para compor este ambiente de coleta e transmissão de dados.

Conforme comenta Silvia DalBen, referindo ao seu estudo sobre uso de inteligência artificial no jornalismo brasileiro,

Para aqueles que ainda temem a chegada de robôs que poderiam substituir o emprego dos jornalistas, estes estudos de caso nos ajudam a refletir sobre iniciativas que aplicam a Inteligência Artificial como ferramenta para processar grandes volumes de dados, cruzar informações e dar visibilidade para fatos com potencial de se tornarem grandes reportagens investigativas. Em tempos onde a internet é inundada diariamente com notícias rasas publicadas em sites de grandes veículos jornalísticos, precisamos refletir sobre a importância da apuração e da checagem de informações, que é a base da nossa profissão. Quem determina o uso de um sistema de Inteligência Artificial são as pessoas que o desenvolvem. (DALBEN, 2019, p.18).

Nesta linha de pensamento, não podemos assumir de antemão que o avanço técnico possa substituir a ação humana, mas sim que de fato pode permitir que a investida da inteligência do jornalista seja para além das tarefas racionalizantes: os robôs de IA subsidiam o jornalista com material suficiente para que a verdadeira narrativa seja construída.

De qualquer forma, todas as transformações tecnológicas, especialmente as de grande escala como as que ocorrem no momento, interferem na relação empregado-empregador, e já se especula o tipo de dificuldades a serem enfrentadas pelos jornalistas neste sentido. Se ao mesmo tempo tarefas repetitivas deixam de ser função dos profissionais, a tarefa de cunho intelectual ganha mais valor, ao permitir que haja realmente ganho de qualidade pela forma como o jornalista conduz suas observações mais subjetivas.

Neste sentido, Squirra e Carreira apontam:

Constata-se que os Agentes autônomos artificiais produzem notícias mais rapidamente do que qualquer ser humano, o que contribui para culturas empresariais ligadas às ideias de eficiência e de corte de custo. Além disso, eles dispensam o jornalista de tarefas mais repetitivas para que eles possam se concentrar em textos sofisticados, analíticos e mais contextualizados. A notícia automatizada leva a mudanças nas rotinas produtivas das redações, cria novas funções, mas levanta preocupações sobre possíveis demissões e/ou redução do nível salarial dos jornalistas. (SQUIRRA e CARREIRA, 2018, p. 148).

O uso dos processos tecnológicos para a criação integral de conteúdo existe, mas o mais comum é vermos a tecnologia ainda sendo utilizada como base, como subsídio para efetivação de um trabalho complexo pensado pelos profissionais - que humanizam a entrega das informações, de forma a suavizar a relação homem-máquina.

Observações finais

Desde o princípio da formalização do jornalismo, a técnica tem sido, ao mesmo tempo, aliada e vilã nos processos produtivos estabelecidos. Enquanto o domínio de determinadas tecnologias minimiza por um tempo a função própria do jornalista, outros momentos da história ressaltam a importância de valorizar o que há de humano no processo de confecção das notícias.

Quando aparece a fotografia, por exemplo, o jornalista percebe que a informação precisa agregar outros aspectos dos acontecimentos às imagens - e não pode apenas apresentar descrição dos ocorridos, uma vez que, na função descritiva, as imagens compõem muito bem o cenário e podem minimizar a importância do jornalista.

Da mesma forma, com o avanço das redes sociais, a comunicação interpessoal atropela os veículos de comunicação de massa, permitindo que os usuários circulem entre seus grupos abordando apenas informações de interesse específico - alienando-se, em certo grau, das questões da esfera pública. É somente à luz das discussões sobre as fake news que os jornalistas podem ver-se valorizados novamente.

Neste mesmo sentido, as novas técnicas que permitem que a apuração de dados e fatos seja processada automaticamente por máquinas de inteligência artificial preocupam os profissionais, levando à discussão do real valor do jornalista no processo informativo.

Neste cenário, acreditamos que a valorização do humano, através da sua subjetividade, é um caminho para pensarmos o jornalismo que se desenha a seguir. Já se percebe que a voz mais opinativa, colocando de lado um pouco a objetividade, aparece como crucial para manter relacionamento com o público consumidor de mídia. Com este caminho que se indica à frente, é cada vez menos possível desvincular-se de propostas políticas e sociais: há necessidade de que os veículos possam, como instituição, afirmar seu lugar de fala, justamente para permitir um lugar de fala a seus profissionais.

Em espaços construídos pelos profissionais como autônomos, como blogs ou canais de vídeo on-line, o “eu” aparece de forma clara, seja indicando modelos de pensamento

próprios ou delimitando a análise ao que o profissional pode oferecer, não buscando o generalismo. São lugares de fala subjetivos, para um público específico, onde se mantém como audiência quem tem interesse no espectro de análise que o profissional oferece.

Olhando ainda para a diferenciação da automatização, é na demonstração de sua capacidade de organização das informações em narrativas competentes, especialmente com olhar único, trabalhando nuances específicas, que os jornalistas ganharam peso. Esta realidade dá indicação clara de que é preciso pensar na nova geração de universitários voltados à profissão como pessoas complexas, capazes de subjetivação, competentes em contar histórias únicas - o que também deve ancorar as instituições na definição de currículos que possam contemplar o fator humano.

Referências

DALBEN, Silvia. O uso de robôs no jornalismo brasileiro: três estudos de caso. In: **VI Seminário de Pesquisa em Jornalismo Investigativo Universidade Anhembi-Morumbi**, 26 de junho a 29 de junho de 2019. Disponível em: <https://projetos.abraji.org.br/seminario/PDF/6/SILVIA_DALBEN-O_uso_de_robos_no_jornalismo_brasileiro_tres_estudos_de_caso.pdf>. Acesso em 05/07/2021.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

SILVA, Flávia Gonçalves da. Subjetividade, individualidade, personalidade e identidade: concepções a partir da psicologia histórico-cultural. In: **Psicologia da Educação**. N. 28, São Paulo, Jun. 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752009000100010>. Acesso em: 07/06/2021.

SQUIRRA, Sebastião; CARRERA, Krishma. As inovações tecnológicas levam o jornalismo aos agentes autônomos artificiais. In: **ANIMUS** (SANTA MARIA. ONLINE), v. 17, p. 134-151, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/22496/pdf>> Acesso em: 05/07/2021.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**, volume 1. Florianópolis: Insular, 2005.